

# Escolas se negam a matricular alunos deficientes

Bruna Letícia Pinho Marques, de 4 anos, é cega de nascença. Williams de Oliveira Gomes Velo-  
so, da mesma idade, é surdo. Pelo menos teoricamente, a defi-  
ciência física lhes assegura priori-  
dade na matrícula em escolas  
da rede pública municipal, de  
acordo com o artigo III, parágra-  
fo 3º, da portaria nº 3 do Departamento Geral de Administração Escolar. Na prática, os pais de Bruna e os de Williams se depararam com outra realidade ao tentarem matricular os filhos na Escola Municipal Almirante Frontin, em Campo Grande.

Apresentando documento assi-  
nado por Miriam Lucia Rebelo Pinto, coordenadora do Progra-  
ma Precoce/Pré-Escolar da Se-  
cretaria Municipal de Educação, assegurando a prioridade para  
matrícula no pré-escolar, os pais de Williams tiveram o pedido de  
matrícula recusado pela direção da escola. A alegação era de que  
entre os candidatos havia cri-  
anças com mais idade do que ele e,  
portanto, com mais direito à va-  
ga no jardim da infância.

— Acho que deve ter havido  
erro de interpretação da direção  
da escola — explica a professora  
Vera Lucia Flor, diretora do In-  
stituto Helena Antipoff, responsá-  
vel pelo encaminhamento das

crianças deficientes às escolas  
mais próximas de suas casas.

Nervoso, Tadeu Marques, pai  
adotivo de Bruna, diz que já per-  
deu a conta de quantas escolas  
negaram vaga à menina. Contra-  
riando a ordem da secretaria, de  
que pelo menos nos primeiros  
anos escolares as crianças defi-  
cientes devem freqüentar esco-  
las regulares para acelerar o  
processo de socialização, todos  
os colégios procurados por Ta-  
deu e sua mulher, Elizabeth, a-  
conselharam-nos a tentar vaga  
no Instituto Benjamin Constant —  
especializado no ensino de ce-  
gos — na Urca, a mais de 60 qui-  
lômetros de onde moram.

Para corrigir a falha, Vera,  
por telefone, conseguiu ontem a  
confirmação do 21º Distrito de  
Educação e Cultura (DEC) de  
que a vaga de Willians ficaria  
assegurada. Para Bruna, expe-  
diu um documento de priorida-  
de. Segundo Vera, recusas como  
essas nunca haviam acontecido  
nos 25 anos em que trabalha no  
Instituto. Não é o que dizem  
Cláudia e Adilson Gomes Velo-  
so, pais de Williams:

— Na Zona Oeste, onde mora-  
mos, conhecemos vários casais  
com filhos deficientes que estão  
passando pelas mesmas dificul-  
dades — diz Adilson.